

Com Perdão da Palavra: A interpretação em boa hora¹

Word interpretation: it comes in a good time

Adriana Zuñeda Peres²

Resumo: Num passeio pelos chistes, lapsos, sonhos, significantes carregados de metáforas, de desejos, segredos e censuras, este artigo trata – sendo a fala a via percorrida na análise – desse viés imprescindível ao tratamento, a partir do qual abordaremos alguns aspectos, concentrando-nos na questão da interpretação partindo da palavra, por alusão ou equívoco, não ignorando, porém, a existência de outros possíveis meios.

Summary: In a turn for anecdote, lapses, dreams, significant full of metaphors, of desires, secrets and censor ship, this article deals with the speech - being the speech the way to be covered in the analysis - this essential bias to the treatment, from which we will approach some aspects, concentrating us in the question of the interpretation leaving of the word, for reference or mistake, not ignoring, however, the existence of other possible ways.

Descritores: fala, palavra, interpretação, equívoco e significante.

Keywords: speech, word, interpretation, mistake and significant.

¹ Trabalho realizado como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Psicologia sob orientação do professor Mario Fleig.

² Formanda do curso de Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, no ano de 2007, São Leopoldo, RS.

Entre as muitas histórias contadas por Drummond, destaca-se o fragmento de um carteiro conversador. Este, depois que o destinatário da pesada carga de pacotes e mais pacotes de livros confessou-lhe que não era preciso ler tudo aquilo, perguntou, admirado: “-Então o senhor guarda sem ler? E como é que sabe o que tem no miolo?” (DRUMMOND, 1963, p. 63). Servindo-me do mote drummondiano e recontextualizando a questão perguntarei, num lance de abertura do campo que pretendo aqui problematizar: É possível saber, diante da pessoa que demanda uma análise, o que há no miolo?

A palavra no dizer

Freud (1987), em seus *Estudos sobre a histeria*, a partir da fala de sua paciente Emmy von N, que lhe rogava que não continuasse a perguntar de onde provinha isso ou aquilo, mas que a deixasse contar o que tinha a dizer, começa a questionar a importância da fala, do dizer, das palavras no diálogo analítico. Aí, quando a própria paciente, opondo-se à técnica sugestiva, mostra-lhe isso, se estabelece o momento inaugural da virada do tratamento. Assim, a terapêutica dos problemas psíquicos passa a ser pensada sobre a experiência da fala, reportando o princípio da interpretação à prevalência das associações livres. Esse método havia sido batizado por Anna O, paciente de Breuer, com o nome de “*talking cure*”, que quer dizer cura pela fala. Em tom de brincadeira, também o chamava de “*chimney-sweeping*”, a conhecida limpeza de chaminé. A paciente sabia que, ao transformar em palavras o teatro particular, como descrevia seus devaneios, ficava com a mente mais clara e calma.

Assim, a psicanálise passou a considerar que preferencialmente o próprio paciente possui a palavra da verdade de seu desejo. “Que se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe de apenas um meio: a fala do paciente” (LACAN, 1998, p.248).

A tradução da frase de Freud: *Wo Es war, soll Ich werden* foi retomada por Lacan (1998), em *A coisa freudiana*, incluindo a homofonia entre o termo *Es*, em alemão, e a letra *S*, em francês: *Là où c’était, peut-on dire, là où s’était, voudrions-nous faire qu’on entendit, c’est mon devoir que je vienne à être*. Leia-se assim: *Lá onde Isso estava, pode-se dizer, lá onde S’estava, deveremos fazer com que se ouça, é meu dever que eu venha a ser*. Desse modo, no seu denominado *Esquema L*, pode-se encontrar, no vértice superior à esquerda, o lugar possível a *Es*, ou seja, a *S*, como um dos lugares possíveis na fala do sujeito analítico, onde Lacan reitera, em seu segundo Seminário, que “não é o sujeito em sua totalidade” (1985a, p.307), e assim jamais será, estando este, o verdadeiro Outro, a quem nos endereçamos, do outro lado do muro da linguagem, inalcançável.

Em uma das definições do conceito de Outro, Lacan (1963) nos conduz ao lugar onde *isso fala*, isto é, *Isso* fala ao próprio sujeito falante que, ao falar, também se escuta. Numa análise, ao apagar a frase do sujeito, está-se apagando também seu eu, seu lugar. Assim, na transferência, a fala do sujeito também lhe fala de um Outro lugar, diferente do falatório cotidiano. Não se trata de uma fala fechada por si mesma, mas sim de uma fala que se constitui na diferença, na dimensão do que se dá entre o *Isso* e o *Sujeito*. Assim, a fala do Outro, à qual o sujeito se remete sem

que a reconheça, está em sua fala, possibilitando o deslizamento, para que, ao invés de ser parasitado por ela, ele possa produzir algo.

O sujeito não é em sua totalidade, mas visando a *Isso*, ao verdadeiro *Outro*, ele fala, alcançando seus semelhantes e colocando-se em relação com a própria imagem. É, portanto, fundamentando-se no *Outro* e jamais o entendendo que a linguagem funciona o tempo todo, nesta ambigüidade entre o não-saber o que se diz e dizer o que não se sabe, de modo que onde se pensa não se está, e onde se está não se pensa. É essa ambigüidade do falante que testemunha o rompimento da certeza cartesiana, postulada no “penso, logo sou”.

Antes mesmo de seu nascimento, o sujeito já está situado em um discurso, preexiste-lhe um discurso que o concerne, nem que seja, segundo Lacan, “sob a forma de seu nome próprio” (1998, p. 498). É através da designação de um lugar simbólico ao novo ser que o sujeito se situa num mundo simbolizável, num mundo onde ele possa se situar enquanto uma parte. “Ele se acha dentro da linha de dança deste discurso, ele é, se quiserem, ele mesmo este discurso. Escreveram-lhe uma mensagem na nuca, e ele se acha situado inteiramente na sucessão das mensagens. Cada uma de suas escolhas é uma fala” (LACAN, 1985, p 353).

O sujeito está na repetição dessa frase. Sendo cada uma de suas escolhas uma fala é a palavra que alicerça o que há entre o *Isso* e o *Sujeito* nesse lugar *Outro* da fala. É a palavra a curva entre o *Isso* e o *Sujeito*.

Em *O aturrito*, escrito em 1972, Lacan (2003, p. 448) propõe a seguinte frase: “Que se diga fica esquecido por trás do que se diz no que se ouve” demonstrando que ainda que se o diga, para que um dito seja verdadeiro, é preciso que dele haja um dizer. Este, muitas vezes, fica esquecido ou, quem sabe, escondido, por trás do dito.

Freud (1969a) em *A Psicopatologia da vida cotidiana* discorre sobre a capacidade dos lapsos da língua revelarem uma idéia semi-suprimida que se encontra fora do contexto intencionado, bem como indica que a idéia que se deseja reter é freqüentemente aquela que abre caminho a partir de um lapso, sendo que, na tentativa de escondê-la, o inconsciente lhe prega uma peça, traindo suas intenções. Nessa peça, a palavra que emerge abre as cortinas para que outra cena³ se apresente.

Para Lacan é o equívoco que abre para o surgimento de uma outra cena, tendo efeito de interpretação, ou seja, ali o sujeito vai se confrontar com outra coisa e elaborá-la, sendo esta relativa ao seu desejo. “É sempre na juntura da fala, no nível de sua aparição, de sua emergência, de sua surgição⁴, que se produz a manifestação do desejo. O desejo surge no momento em que se encarna numa palavra, surge com o simbolismo” (LACAN, 1998 p.294).

Lacan considera a *tirada espirituosa*, como traduziu o *Witz* alemão, o *chiste*, a melhor entrada e a mais brilhante forma com que Freud aponta as relações do inconsciente com o significante. Em seu quinto seminário, diz que “ela designa, e

³ A outra cena é uma referência a como Freud (2001) chama o inconsciente em *A Interpretação dos Sonhos*.

⁴ Trata-se de um neologismo de Lacan. O tradutor fabricou um neologismo equivalente objetivando manter a liberdade criativa que Lacan tomava com a língua.

sempre de lado, aquilo que só é visto quando se olha para outro lugar” (1999, p. 29), chegando à noção de que “no decorrer de um discurso intencional em que o sujeito se apresenta como querendo dizer alguma coisa, produz-se algo que ultrapassa seu querer, que se manifesta como um acidente, um paradoxo, ou até um escândalo” (1999, p.54), enunciando não um dito, mas muito mais do que um dito, aí no ponto em que a mensagem ultrapassa o suporte da fala.

Freud, na sua obra sobre os chistes, comenta que “quem quer que permita à verdade escapar em um momento de distração, em realidade se alegra por livrar-se da mentira” (1969b, p 126). Em relação a isso, Lacan reitera propondo que os efeitos do inconsciente “até os confins de sua fineza e a face que ele nos revela é justamente a do espírito, da espirituosidade, na ambigüidade que lhe confere a linguagem” (1998, p. 271). Quando o sujeito se dá conta do lapso, ou do ato falho, é que se faz possível, com efeito, algo da ordem de uma interpretação. Desse modo, longe de terem um sentido em si mesmas as palavras são mais propriamente o objeto por meio do qual se pode acessar o inconsciente.

Há inúmeros modos de se operar o chiste, pelos quais a mesma palavra ou o mesmo material verbal pode prestar-se a múltiplos usos em uma sentença. Vê-se o chiste como a própria experiência do equívoco e, portanto, como um modelo da interpretação. Esta ocorre no momento da virada, ali onde se lê outra coisa daquilo que é dito, desembocando na gargalhada, que é a validação de que ali entrou outra coisa; houve interpretação.

Não se deve esquecer o instrumento fundamental para a eficácia de uma intervenção. Para que surja efeito, o piadista precisa preparar o “clima” para contar a piada - Sabe aquela, do francês? - abrindo um espaço para que se ouça esse outro dizer. É o que, na análise situa a transferência. “Na situação de transferência [...] trata-se do valor da palavra, não mais desta vez enquanto cria a ambigüidade fundamental, mas enquanto é função do simbólico, do pacto que liga os sujeitos uns aos outros numa ação” (LACAN, 1986, p.262).

Isso fala no Outro, dizemos, designando por Outro o próprio lugar evocado pelo recurso à palavra, em qualquer relação em que intervém. Se "isso" fala no Outro, quer o sujeito o ouça ou não com seu ouvido, é porque é ali que o sujeito, por uma anterioridade lógica a qualquer despertar do significado, encontra seu lugar significativo (LACAN, 1998, p. 696).

É pela via significativa que a palavra gera nuances de sentido, corrompendo a certeza da fala vazia e possibilitando a emergência da verdade. “Com efeito, é unicamente pelo equívoco que a interpretação opera. É preciso que haja alguma coisa no significativo que ressoe” (LACAN, 1991, lição de 18.11.1975). Quando o sujeito entra na onda do equívoco, desperta uma verdade, cai uma certeza. É quando se pode reconhecer a mola própria do inconsciente; desatando o nó onde a fala está estrangulada, a materialidade do significativo é capaz de produzir mudanças significativas na vida real do sujeito.

“O material significativo [...] é constituído de formas destituídas do seu próprio sentido e retomadas numa organização nova através da qual um outro sentido

encontra como se exprimir. É exatamente a isso que Freud chama *Übertragung*⁵ (LACAN, 1986, p. 278). A palavra, então, pode ser pensada como um meio possível de articular o desejo inconsciente do sujeito e tornar-se clara à medida que é falada em análise, fazendo-se reconhecer. O que não pode ser expresso suficientemente no discurso, isso que o sujeito quer dizer e que é indizível, pode revelar-se através de uma certa desordem, de rupturas, lapsos, repetições, enfim, de equívocos.

Em seu ensino, Lacan (1986) substitui a palavra *mot* pela palavra *signifiant*. Ele entende o significante como algo que se presta ao equívoco, quer dizer, que remete a várias significações possíveis. É justamente aí que o significante promove, na fala do sujeito, uma abertura para uma pluralidade de sentidos, favorecendo, no discurso, a passagem do inconsciente. Nesse sentido, o autor afirma que nenhuma interpretação deve ser teórica ou sugestiva, mas sim equívoca, tendo em vista que a interpretação não é para ser compreendida, mas para provocar ondas.

O inconsciente se revela - implica que se o escute - por meio de suas formações, a partir da articulação significante que surge na fala do sujeito. A interpretação sublinha parte do dizer do analisante num momento em que ele desconhece seu próprio texto, objetivando não lhe *doar* causas ou sentidos, nem a um saber o que não se sabe, mas sim, a saber, o que se sabe. Diferenciando-se de intervenções doutrinárias em que o psicoterapeuta atua como intérprete, desvelando o sentido da fala do paciente, Lacan situa a interpretação no registro da alusão ou do equívoco, encontrada no dizer do próprio sujeito e concernente à verdade de seu desejo, que fala por si mesmo. Esse dizer, porém, está assentado em um escutar.

Para que se entenda de que escutar se trata, convém trazer a 5ª estrofe do Hino *Pão e Vinho* de Hölderlin, que rememora o encontro dos homens com os deuses na venturosa Grécia. Atendendo à chamada, os celestes surgem e descem até os mortais. Seus últimos versos dizem:

Assim é o homem: quando um bem se apresenta e um deus
lhe traz
As suas dádivas, não o reconhece nem o vê.
Tem antes de sofrer para dar nome ao que lhe parece mais
caro;
Aí sim, as palavras lhe virão como vêm as flores (apud
FIGUEIREDO, 1994, p.114).

Acerca dessa estrofe, Figueiredo (1994) traz a condição primordial de 'signo vazio de sentido', uma vez que a oferta, mesmo que demandada, cega e desconcerta o demandante.

Em pensando o conceito de logos, Heidegger (2005) apresenta como discurso aquele que 'deixa e faz ver' a partir daquilo sobre o que discorre, tendo em seu exercício o caráter da fala. Nessa medida, o que importa e faz justiça é colocar-se à sua escuta. "A escuta é constitutiva do discurso" (2005, p.222); portanto, é através dela que se pode des-cobrir as máscaras-palavras que mantêm velado o desejo.

⁵ *Übertragung*: transferência, em alemão.

Segundo ele, não escutamos nada enquanto apenas nos voltamos para as intenções da fala: “Não é o ‘eu’ que fala que deve ou pode ser efetivamente escutado. A escuta é a escuta da fala como acolhimento e esta escuta é ela mesma acolher o que a fala nos oferece” (FIGUEIREDO, 1994, p.119).

Figueiredo orienta para o ‘escutar algum pleno dizer’, que corresponde ao que Lacan chama de ‘palavra plena’, na medida em que realiza a verdade do sujeito. O que possibilita o acesso à palavra plena é a transferência, ali onde o analista vai acolher a fala do sujeito em sua máxima potência.

A palavra plena é a que visa, que forma a verdade, tal qual ela se estabelece no reconhecimento de um pelo outro. A palavra plena é a palavra que faz ato. Depois de sua emergência, um dos sujeitos já não é o que era antes. Por isso, esta dimensão não pode ser eludida na experiência analítica (LACAN, 1986, p 129).

Para Heidegger (2004), fazer uma experiência com algo consiste em ser afetado e em ser transformado, deixando a coisa vir sobre nós, para que nos caia em cima e nos faça outro. Figueiredo (1994), em seus encontros heideggerianos, assevera que fazer uma experiência com a fala é deixar-se atravessar por ela, acolhê-la no seu poder mais próprio, na sua alteridade: “[...] é preciso, por conseguinte, **libertar a palavra para seu outro dizer, para seu dizer outro**. Isso implica deixar que a fala fale e, mesmo quando as palavras brotem de minha boca, colocar-me à escuta” (1994, p.122).

A experiência com a palavra, a psicanálise, consiste justamente em, partindo de uma escrita do que é ouvido, possibilitar a abertura de diferentes significações para o que foi dito. Limitar-se às intenções do discurso seria embarcar em intervenções desorientadoras para o sujeito. “Por *ser do sujeito*, não entendemos as suas propriedades psicológicas, mas o que se cava na experiência da palavra, em que consiste a situação analítica” (LACAN, 1986, p. 263).

Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
(...) Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consume
com seu poder de palavra e seu poder de silêncio
(DRUMMOND, 1945, p.25)

‘Com seu poder de palavra e seu poder de silêncio’, uma intervenção analítica deve consistir em instigar o desvelamento do desejo, através de um sublinhamento de trechos, de significantes, do destaque do caráter polissêmico das palavras no favorecimento da emergência de uma verdade do sujeito, esta que não está antes no saber do analista. O sentido deve ser espontaneamente desvelado e assumido

pelo sujeito no momento em que seu discurso esbarra no indizível em que perdura a palavra perdida, inaudita, rodopiando nas entranhas do desejo.

A canção “A palavra”, de 1919, composta por Stefan George (apud Heidegger, 2004, p. 174) acena para o enigma da palavra. Ela relata as longas viagens ao imaginário do autor, de onde este retorna com dádivas capazes de apresentar os nomes que repousam no rio profundo. Desde Agostinho (1956), nomes são palavras que significam coisas; são palavras que fazem conhecer, que apresentam. Heidegger (2004), em sua análise da poesia referida, precisa que “os nomes apresentam o que já é, entregando-o para a representação”; eles enfatizam o significado, o conceito. “Os nomes e as palavras são como uma consistência firme, que se coordena com as coisas e posteriormente se lança para as coisas com vistas a apresentá-las” (HEIDEGGER, 2004, p.179).

A poesia continua com uma viagem extraordinária, em que o poeta traz às mãos ‘jóia rica e delicada’ para a qual não encontra palavras que se prestem a apresentá-la. Assim, com a falta do nome, a jóia preciosa desaparece. O poema termina com a renúncia ao interdito; o poeta aprende que na ausência da palavra nada pode se mostrar e permanecer.

Em sua meditação do poema, Heidegger (2004), na busca da jóia, pensa a própria renúncia ainda como um dizer, preservando a relação com a palavra. Sendo a renúncia dita na medida exata em que o poeta a canta, ele experiencia que somente a palavra deixa uma coisa ser coisa. Entende-se, pois, que esta jóia evanescente é a própria palavra, para a qual, porém, não há representação possível.

A dimensão oculta nesse poema está no poder da fala de evocar a palavra. Esta nem sempre acontece, oportuna e visivelmente, num dizer; só estará em vigor num deixar levar da fala. O lugar da interpretação se dá na colocação do dito, num lugar em que ressoe, podendo este ser uma singela e acolhedora bolha de silêncio. E, surpreso, o falante se vê à escuta do que não sabia, nem ao menos pretendia dizer. É o mundo das palavras que cria o mundo das coisas, dando um lugar para aquilo que é desde sempre.

E o que traz a palavra?

O livro *O cavaleiro inexistente*, de Italo Calvino (1993), conta as aventuras cheias de humor, narradas por uma freira, de Agilulfo Emo Bertrandino dos Guildiverni e dos Altri de Corbentraz e Sura - um estranho cavaleiro de armadura branca, dentro da qual nada existe, a não ser sua voz metálica e os movimentos que indicam a existência-inexistência desse comedido e sistemático cavaleiro. Agilulfo é inexistência munida de consciência e vontade; apenas aparência, ele repete, automaticamente, seus valores. Nesse romance cavaleiresco, a armadura polida que anda e fala confirma Agilulfo, o cavaleiro inexistente.

Partindo da premissa de que a ‘jóia rica e delicada’ que representou a palavra, na concepção de Heidegger, não pode ser apresentada em si mesma, pode-se entender, com a contribuição de Calvino, que a armadura de Agilulfo aponta para aquilo que a signifique (donde vem significar, fazer sinais – *signa facere*), remetendo-o a outro lugar, ao menos um lugar. Entretanto, não se trata de um lugar qualquer, não é da ordem de atribuição de significado ao que o sujeito diz ou à voz metálica vinda do cavaleiro.

Dessa forma, o modelo de interpretação postulado neste artigo não está aberto a todos os sentidos e sim ao que tem por efeito o surgimento de um significante. Lacan (1990, p. 237) enfatiza que o essencial é que o sujeito veja “para além da significação, a qual significante – não-senso, irreduzível, traumático – ele está como sujeito, assujeitado”, sendo possível, então, revelando-lhe o sentido e não lhe fornecendo uma explicação, conceber o que é materializado na experiência.

A palavra é essencialmente o meio de ser reconhecido. Ela está aí antes de qualquer coisa que haja atrás. E, por isso, é ambivalente e absolutamente insondável. O que ela diz, será que é verdade? Será que não é verdade? É uma miragem. É essa primeira miragem que lhes assegura que estão no domínio da palavra (LACAN, 1986, p.273).

A palavra pode aqui ser pensada como uma vestimenta do inconsciente. “O de que se trata fundamentalmente na transferência é da tomada de posse de um discurso aparente por um discurso mascarado, o discurso do inconsciente” (LACAN, 1986, p 280). Esse discurso é preenchido por elementos esvaziados, e é nesse oco que se exprime o discurso secreto.

O que é dito por um paciente não vale apenas por seu sentido, que se articula a partir de palavras organizadas em frases. Ao que o analista presta atenção é na própria seqüência acústica, à cadeia significante, que pode ser recortada, no inconsciente, de uma maneira completamente diferente (CHEMAMA, 2007, p. 203).

Acorrentados à cadeia significante encontram-se fragmentos inconscientes. Também assim, fragmentado, vem à memória o sonho. Aprende-se com Freud que o sonho representa um desejo realizado, desejo este recalcado, que se manifesta dissimulado. O autor introduz o sintoma como um significado, seguindo com a definição de que se trata da “expressão de uma realização do desejo e a realização de um fantasma inconsciente, que serve para realizar tal desejo” (CHEMAMA, 2007, p.354).

As palavras, por serem o ponto nodal de numerosas representações, podem ser consideradas como predestinadas à ambigüidade; e as neuroses tanto quanto os sonhos, servem-se à vontade das vantagens assim oferecidas pelas palavras pra fins de condensação e disfarce (FREUD, 2001, p.336).

No quinto seminário de Lacan (1999) está explícito que tanto os sonhos, quanto os sintomas patológicos estão vinculados ao desejo e à sua satisfação, evidenciando que o desejo está ligado a alguma coisa que é sua aparência quando se apresenta no discurso analítico. Referindo-se a sintoma como tudo aquilo que é analisável, diz que esse se apresenta sob uma máscara, de forma paradoxal; e é

diante disso que é preciso deter-se. Em seu “Mais, ainda” Lacan (1985b), afirma que um discurso analítico, visando o sentido, faz surgir a aparência.

Em sua obra sobre os sonhos Freud (2001), observa uma determinada alteração na manifestação desses sonhos no sentido de que se tornem compreensíveis, havendo aí uma interpretação que neutraliza a incoerência imediata do sonho. A interpretação psicanalítica percorre um caminho inverso à que oferece sentidos e encobre as ‘insignificâncias’ no relato do sonho, indo de encontro, impreterivelmente, às associações do sonhador - mesmo quando muito tênues ou aparentemente anódinas – e favorecendo uma abertura ao prosseguimento daquilo sobre o que discorre, pois justamente quando o sujeito não quer mais pensar, quando se deixa levar é que será possível encontrar conseqüências em seu dito.

Em sua conferência sobre o sintoma, Lacan (2005) interroga: “O que é que são esses sonhos se não sonhos narrados?”. E completa dizendo que “é no processo de sua narração que se lê o que Freud chama seu sentido”.

O significante, recheado de significados, representa um sujeito que ao ler-se, numa leitura que vai além daquilo que significa, pode desvendar as escrituras que traz em seu corpo - sintomas. O significante é o meio que torna possível o acesso ao corpo. Trata-se de ler. De ler o quê? “O sujeito não é outra coisa – quer ele tenha ou não consciência de que significante ele é efeito – senão o que desliza numa cadeia de significantes” (LACAN, 1985b, p. 68). E o que o discurso analítico vai engendrar são esses efeitos que atormentam e, quem sabe, mobilizam o sujeito.

Chegou-se, agora, a um ponto fundamental do que se trata no discurso analítico, que é o que se lê e o que se lê para além do que se provocou o sujeito a dizer.

Se quiser introduzir o analisante na linguagem do inconsciente, deve destacar o caráter polissêmico do que se diz no tratamento e, sobretudo, das palavras-chaves que orientaram a história do paciente. Assim, a interpretação possui efeitos de sentido. Porém, esse sentido, para o analisante, permanece aberto ao questionamento; não se fecha na instalação de uma imagem de si definitiva e alienante (CHEMAMA, 2007, p. 204).

O significante tende a se repetir no discurso de um sujeito, sem que esteja, necessariamente, associado às significações anteriores; também “o sintoma, que diz alguma coisa de uma maneira indireta, inaudível, pode ser considerado como o significante de um significado inacessível para o sujeito” (CHEMAMA, 2007, p. 347). A leitura de um significante pode, amiúde, evocar as mais contraditórias significações. Representando um sujeito, ele pode assumir diferentes sentidos. Lacan refere que um “significante não apenas não se define senão por sua diferença com os outros significantes, mas que ele deve ser colocado como diferente de si mesmo em suas diferentes ocorrências” (CHEMAMA, 2007, p. 348).

À sombra da palavra

Notei que descobrir novos lados de uma palavra era o mesmo que descobrir novos lados do Ser (BARROS, 1991, p.28)

No trabalho clínico, percebe-se a importância do que aqui se desenvolve. Para isso, seguem-se alguns exemplos: Um jovem paciente, descrevendo um diálogo com sua namorada, fala de seu lamentável sentimento de ciúme do qual gostaria de se livrar para que vivessem harmonicamente. Nesse diálogo, a menina manifesta a intensidade de seu amor, dizendo: *“Eu sinto muito por ti”*.

Ao citar esse enunciado para o jovem, ele pôde escutá-lo em um outro sentido, remetendo-o à sua condolência referente ao sentimento que se prende ao outro num estado de sofrimento.

Por que desde que a palavra foi revelada ao sujeito, se segue uma transformação completa da situação analítica? Por que as mesmas palavras se tornam então eficazes, e marcarão um verdadeiro progresso na existência do sujeito? (LACAN, 1986, p.275).

Sinto muito, quando apareceu na fala do paciente representa um significado, mas, no momento em que lhe é devolvido, aparece em sua face significante. Ele é ouvido como outra coisa, estranha, que o deixa pensativo. Justamente essa estranheza, essa surpresa, quando reconhecida, pode colocar o sujeito à escuta do que não pretendia ter dito. A interpretação ocorre não na compreensão das palavras, mas no dar ouvidos ao que elas dizem. A equivocação implicada produz essa diferença de si mesmo, ou seja, abre para outra coisa, que terá um efeito de interpretação do sintoma. Só o que pode romper o sintoma é a fala do sujeito. Enfim, se o sujeito pode, no que ele diz, ouvir outra coisa, ou se o outro, a quem se remete, ouve outra coisa e a destaca, isso pode ter efeito de transvaso, saindo da repetição fechada, que é o sintoma.

O mesmo paciente, trazendo à sessão a sensação de ter encontrado o amor de sua vida, diz que já está velho para amar outra vez e que esse amor não acabará, pois ama sempre e cada vez mais. Assim, finaliza: - Meu amor por ela não passa!

Referenciando a namorada, ele dizia que seu amor é sempre presente, que não passaria de um dia para outro, que não passaria nunca e que é igual desde o dia em que a conheceu. Em outra cena, ele dizia que seu amor não a atravessa, passando por outro lugar que não por ela, ou que seu amor vai até ela e dali não passa.

A dimensão de uma análise pode se dar à medida em que o sujeito fala a um outro que pode escutar, no que ele diz, outra coisa para além do significado. O inconsciente em ação está aí na utilização de uma expressão que, por ter mais de um significado, produz uma impressão diferente do que a que tentara transmitir. “A palavra é essa roda de moinho por onde incessantemente o desejo humano se mediatiza, entrando no sistema da linguagem” (LACAN, 1986, p.208). A interpretação é aplicada a tudo aquilo que traz a marca do inconsciente, que introduz o sujeito a novas significações. Dessa forma, fazendo referência ao duplo sentido da palavra, deixando abertos os efeitos de sentido do significante, busca, com prudência, fazer com que se ouçam as ressonâncias mais diversas.

É muito curioso que pessoas que acreditam pensar, não se apercebem que pensam com as palavras. [...] É sempre com a ajuda de palavras que o homem pensa. E é na descoberta dessas palavras, com seu corpo que alguma coisa se desenha (LACAN, 2005, p. 41).

O sujeito do inconsciente pensa porque a linguagem recorta seu corpo e nele se inscreve, manifestando-se ali onde está a causa de seu desejo. A voz do sofredor, por meio de palavras - por meias-palavras - vai na direção dessas escrituras, mas o que se passa nesse corpo só é situado a partir do pensamento desse sujeito que sobre ele se segura, ou seja, das palavras que o atravessam e se articulam por um discurso (LACAN, 2003).

Seu corpo estava dividido: de um lado, seu corpo propriamente – sua pele, seus olhos – doce, caloroso, e, de outro, sua voz, breve, contida, sujeita a acessos de afastamento, sua voz que não dava o que seu corpo dava. Ou ainda: de um lado, seu corpo molengo, morno, na maciez exata, fofinho, se fazendo de desajeitado, e, de outro, sua voz – a voz, sempre a voz -, sonora, bem formada, mundana, etc (BARTHES, 1994, p. 62).

No final de uma sessão, um menino de 10 anos, após se concentrar na tentativa de adivinhar a carta que faria par com a já virada no jogo da memória, direciona-se exatamente à carta correspondente. Contente com seu “poder”, diz: - Viu como a *mente* me ajuda?! Viu como a *mente* é minha amiga?!

Trata-se de um paciente que, no curso de seu tratamento, apresentou constantes tentativas de ludíbrio, desconfiguração do setting e falsificações. Escuto no seu dizer a emergência de uma palavra verídica. As palavras ou seus resquícios podem revelar o mais profundo segredo. Neste caso, o que equivoca é **mente**; este é o termo disponível que traz consigo o material recalçado. “O significante não é apenas um efeito de sentido. Ele comanda ou pacifica, adormece ou desperta” (CHEMAMA, 2007, p. 348). Aí se encontra o poder que existe na palavra: o de produzir outra coisa e, então, possibilitar ao sujeito se confrontar com essa outra coisa, diferente do que pretendia dizer.

Lacan apresenta, em seu seminário inacabado de 1963, com diferentes formas de escrita, significantes que têm o mesmo som: Les nons du père (Os não do pai), Les noms du père (Os nomes do pai), Les non-dups errant (Os que não se deixam levar, erram), ou seja, os significantes são aquilo que se ouve. Em *A Função do escrito*, Lacan (1985b) mostra que o significado nada tem a ver com os ouvidos, mas com a leitura do que se ouve de significante, com o efeito do significante. **Mente**, na frase evocada pelo paciente, inscreveu outra significação que não a intencional no momento em que retornou ao paciente, abrindo caminho para a interpretação, mexendo com algo do sintoma. “Como o poeta, o analista está atento às diversas conotações do significante, que ampliam as possibilidades da interpretação” (CHEMAMA, 2007, p 348).

Se, ao me gritar seu sofrimento, eu tomasse o paciente em meus braços, ele teria o direito de duvidar que é ele que tomo em meus braços, porque com o corpo pode-se sempre duvidar que se reconheça a identidade [...] com o corpo tudo é possível, mesmo a loucura. Mas na situação da cura, penso que é por uma palavra ou por um gesto que tem a função de metáfora, a função poética de metáfora, que o outro pode se reconhecer (FÉDIDA, 1988, p.15).

À leitura

A linguagem é uma pele: esfrego minha linguagem no outro. É como se eu tivesse palavras ao invés de dedos, ou dedos na ponta das palavras. Minha linguagem treme de desejo (BARTHES, 1994, p. 64).

Lacan (1998), em *Função e campo da fala e da linguagem*, retoma o inconsciente como o capítulo censurado da história do sujeito; a verdade, entretanto, podendo ser resgatada, uma vez que se encontra escrita: no corpo, nas lembranças, no vocabulário, no estilo, etc. Nesta mesma ordem pode-se entender o sintoma como o equivalente de uma escrita, submetido às leis da linguagem, e um modo de gozo. Essas escritas *esquecidas* vêm na fala do sujeito, mas precisam ser lidas para que possam abrir novos caminhos, “ler não nos obriga de modo algum a compreender. É preciso ler primeiro” (LACAN, 1985b, p. 88).

O sintoma é o representante do sujeito do desejo, que fala, se alicerça, se determina num efeito significante, permitindo o aceno à verdade, esta que escondida no enigma do sintoma apresenta-se impossível de ser dita por completo. É o equívoco o que vai permitir que o nó de significantes, em que consiste o sintoma, se solte, exatamente num soltar-se do dizer, desamarrando as palavras e pelas palavras. Nos deslizos, *sem sentido*, nas brechas de sua fala é que o sujeito pode se haver e se apropriar com o que se insinua do seu saber inconsciente.

O efeito de verdade decorre do que cai do saber, isto é, do que se produz dele, apesar de impotente para alimentar o dito efeito. “Da verdade, não temos que saber tudo. Basta um bocado” (LACAN, 2003, p.440).

Em *Radiofonia*, diante da pergunta “*Em que o saber e a verdade são incompatíveis?*” Lacan (2003, p.440) responde que eles ‘com-padecem’, sofrem juntos, e um pelo outro. Em 1973, ele afirma que a verdade se diz como não toda, pois para isso lhe faltam palavras. “Toda verdade, é o que não se pode dizer. É o que só se pode dizer com a condição de não levá-la até o fim, de só se fazer semi dizê-la” (LACAN, 1985b, p.124). Ainda que um dito se coloque como verdade jamais passa de um meio-dito, *mi-dire*, como expressou Lacan, que só “ex-siste” na dimensão do dizer, que o contesta, nega sua verdade. “Ça ne va pas sans dire”, o dito não vai sem o dizer. O que a verdade sabe do sujeito é quase tão insuficiente quanto o que o sujeito sabe da verdade (LACAN, 2003).

O fato de o sujeito perceber que o seu saber é furado, inalcançável, que a sua verdade não se aprende no saber, denuncia a insuficiência da fala e a precariedade

do saber. O saber não consegue dar conta da verdade de cada sujeito e este tem de se confrontar com essa insuficiência, que está entre o que se mostra no que se diz e o que permanece sempre sem a possibilidade de ser dito.

Dessa forma, a experiência psicanalítica trata, não de traduzir os sentidos ou palavras, nem de priorizar intenções, mas de deixar trabalhar o escrito da fala e percorrer esse caminho, uma vez que constata a existência de um saber sem sujeito e de uma “verdade” dita apenas por partes. É nessas partes que se situa o saber, nessas insinuações do corpo que colocam o sujeito frente às suas meias-verdades. O desejo é o articulador entre “saber” e “verdade”, sendo chamado de objeto pequeno a; este algo que ficou faltando (LACAN, 1985b).

A poesia de um poeta está sempre impronunciada. Nenhum poema isolado e nem mesmo o conjunto de seus poemas diz tudo. Cada poema fala, no entanto, a partir da totalidade dessa única poesia, dizendo-a sempre a cada vez. Do lugar da poesia emerge uma onda que a cada vez movimentada o dizer como uma saga poética (HEIDEGGER, 2004. p.28).

Fica muito ainda por dizer “porque o que fala no homem vai bem além da palavra até penetrar nos seus sonhos, seu ser e seu organismo mesmo” (LACAN, 1986, p. 296). Como a própria interpretação, a palavra, o poema e outras partes aqui desenvolvidas, onde alcançamos chegar, é tão somente e ademais, aproximativo, sem dúvida. Assim, as coisas vão mesmo muito mais longe. Nós, ficaremos por aqui, por enquanto.

As palavras se movem, a música se move
Apenas no tempo; mas o que apenas vive
Pode apenas morrer. As palavras, após a fala, alcançam
O silêncio. Apenas pelo modelo, pela forma,
Podem as palavras ou a música alcançar
O repouso, como um vaso chinês que ainda se move
Perpetuamente em seu repouso.
Não o repouso do violino, enquanto a nota perdura,
Não apenas isto, mas a coexistência,
Ou seja, que o fim precede o princípio,
E que o fim e o princípio sempre estiveram lá
Antes do princípio e depois do fim.
E tudo é sempre agora. As palavras se distendem,
Estalam e muita vez se quebram, sob a carga,
Sob a tensão, tropeçam, escorregam, perecem,
Apodrecem com a imprecisão, não querem manter-se no lugar,
Não querem quedar-se quietas. Vozes ríspidas,
Irritadas, zombeteiras, ou apenas tagarelas,
Sem cessar as criticam. A Palavra no deserto
É mais atacada pelas vozes da tentação,
A sombra soluçante da funérea dança,

O clamoroso lamento da quimera inconsolada
(ELIOT, 1981, p. 203).

É possível saber, por acaso, diante da pessoa que demanda uma análise, o que há no miolo?

Referências Bibliográficas

- AGOSTINHO, Santo. **De magistro**. Porto Alegre: UFRGS, 1956.
- ANDRADE, Carlos Drummond, **A rosa do povo**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1945.
- ANDRADE, Carlos Drummond, **A bolsa & a Vida**. Rio de Janeiro: Sabiá Ltda, 1963.
- BARROS, Manoel de, **Concerto a céu aberto para solos de ave**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- BARTHES, Roland, **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.
- CALVINO, Ítalo, **O Cavaleiro Inexistente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CHEMAMA, Roland, **Dicionário de Psicanálise**, São Leopoldo: Unisinos, 2007.
- ELIOT, T. S, **Poesia**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- FÉDIDA, Pierre. **Clínica Psicanalítica**. São Paulo: Escuta, 1988.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **Escutar, recordar, dizer**. São Paulo: Educ/Escuta, 1994.
- FREUD, Sigmund. (1893-1895). **Estudos sobre a histeria**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição *Standart* Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.2.
- _____. (1900). **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- _____. (1901). **A psicopatologia da vida cotidiana**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição *Standart* Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1969a, v.6.

_____. (1905). **Os Chistes e Sua Relação com o Inconsciente**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição *Standart* Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1969b, v.8.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Rio de Janeiro: Vozes/São Francisco, 2004.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**, Petrópolis: Vozes, 2005.

LACAN, Jacques. (1953 – 1954). **Os escritos técnicos de Freud**, Seminário 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

_____. (1954 – 1955). **O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**, Seminário 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985a.

_____. (1957-1958). **As formações do inconsciente**, Seminário 5. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. (1963). **Os Nomes-do-pai** in www.traco-freudiano.org, Acesso em: 3 mai. 2007.

_____. (1964). **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, Seminário 11. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

_____. (1966). **Escritos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1972-1973). **Mais, ainda**, Seminário 20. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985b.

_____. (1975). Conferência em Genebra sobre o Sintoma. 2005/**Scriptura 1**, in www.freudlacan.com.br, Acesso em: 12 mai. 2007.

_____. **Le sinthome**. Séminaire 1975-1976. Paris: Association Freudienne Internatinal, 1991.

_____. **Outros escritos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

Obras consultadas

AULAGNIER, Piera. **A Violência da interpretação**: do pictograma ao enunciado. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

BIRMAN, Joel. **Ensaio de teoria psicanalítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____. **Freud e a interpretação psicanalítica.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.

CUNHA, Celso. **Sob a pele das palavras.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Academia Brasileira de Letras, 2004.

DOR, Joel. **Clínica Psicanalítica.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MAJOR, René. **Como a interpretação vem ao psicanalista.** São Paulo: Escuta, 1996.

MELMAN, Charles. **Novos estudos sobre o inconsciente.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

NASIO, Juan-David. **Nos limites da transferência.** Campinas: Papyrus, 1987.

Endereço do autor: dicapesc@hotmail.com